

CLARO ENIGMA

*Deixar os substantivos passarem anos no esterco,
deitados de barriga, até que eles possam carregar
para o poema um gosto de chão – como cabelos
desfeitos no chão – ou como o bule de Braque
áspero de ferrugem, mistura de azuis e ouro
um amarelo grosso de ouro da terra, carvão de folhas.*

Manoel de Barros

há poetas do vento, do ar
[que distraídos, nos falam do incorpóreo e do que não se vê

há poetas da água, dos rios e mares
[eles nos contam das profundas, da imensidão e do fluxo

há poetas do fogo
[que cantam alegres a força e a transformação

e há os poetas da terra, da carne, da pedra e do chão
[que fazem da matéria lugar de partida e morada

esses poetas pensam e sentem com as mãos
mergulham na terra de olhos abertos
respiram poeira
bebem das valas e dos poços
e muitas vezes – para se erguerem – curvam-se até o chão

como garimpeiros, passam o dia a procurar o que não perderam
gostam das quinas, dos entres, dos fundos de gavetas e das sombras
abrem feridas para cultivar cicatrizes
e preferem os restos, os cacos, o mofo e a ferrugem
cuidam de pedras, colecionam gravetos

vivem como escravos [e também como deuses da forma]
(tocam, raspam, quebram, ciscam, cheiram, mastigam, esfregam)
testemunham as mil cores da lama e inferem escuros no sol
são cientistas ao avesso: buscam na matéria a dúvida

janelas aos olhos não lhes impressiona
mas cultivam uma paixão pelos planos e pelas mesas

não entendem as paisagens, têm dificuldades com a distância
e ao invés de procurar montanhas, abrem buracos em seu próprio jardim
talvez por isso, ousam sumir horizontes

vão dormir cedo
sonham pouco
mas há no sonho um estranho poema:
 que fala do osso da ostra
 da noite da ostra
 da carne da pedra
 do corpo das cores
e acordam inquietos por saber que
– sempre e ainda – há muito mistério nas coisas

virgílio neto

*texto escrito pela ocasião da exposição individual "Claro Enigma",
que aconteceu em agosto de 2018 na Galeria Referência em Brasília.*